



# Responsabilidade enunciativa e imputação em cartas de amor

Evandro de Melo Catelão\* e Erika Larissa Santos Sousa

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: evandrocatelao@utfpr.edu.br

**RESUMO.** Buscamos neste artigo apresentar uma análise quanto aos aspectos argumentativos como a sequencialidade, emergência de acordo com o preferível e marcação da responsabilidade enunciativa/ponto de vista em uma troca de cartas de amor encontradas em inquéritos policiais de suicídio. Para tanto, utilizamos o conceito de responsabilidade enunciativa acrescido nas noções de *prise en charge* e imputação no sentido de observar marcas argumentativas e definidoras do gênero. Na análise argumentativa partimos da noção de valor embasada em pressupostos da retórica e nova retórica, também presente na Teoria da Argumentação no Discurso. Dados das análises permitiram identificar certo direcionamento quanto à emergência da utilização de valores entre as práticas discursivas e enunciativas como tentativa de possível estabelecimento de acordo sob a ação de linguagem visada (nível N5). Acreditamos que para uma análise do nível da enunciação (N7), a correlação com o conceito de acordo e os acréscimos das noções de imputação e *prise en charge* funcionaram como critério para observação das representações discursivas e incursões dos PdVs nas trocas de cartas com temática amorosa.

**Palavras-chave:** responsabilidade enunciativa; cartas de amor; categorias axiológicas; enunciação.

## Enunciative responsibility and imputation in love letters

**ABSTRACT.** In this article, we seek to present an analysis of argumentative aspects such as the sequentiality, emergence agreement to the preferable and marking of the enunciative responsibility/point of view in an exchange of love letters found in police suicide investigations. Therefore, we use the concept of enunciative responsibility added to the notions of prize in charge and imputation in order to observe argumentative and defining marks of the genre. In the argumentative analysis we start from the notion of value based on assumptions of the rhetoric and new rhetoric, also present in Discourse Argumentation Theory. Analysis data allowed to identify a certain direction regarding the emergence of the use of values between discursive and enunciative practices as an attempt to establish a possible agreement under the action of the target language (N5 level). We believe that for an analysis of the level of enunciation (N7), the correlation with the concept of agreement and the addition of the notions of imputation and prize in charge worked as a criterion for observing the discursive representations and incursions of the POV in the exchange of letters with a love theme.

**Keywords:** enunciative responsibility; love letters; axiological categories; enunciation.

Received on September 15, 2020.

Accepted on March 23, 2021.

## Introdução

Este trabalho analisa aspectos argumentativos presentes em cartas de amor escritas no início do século XX. Considerando que as correspondências, coletadas em inquéritos policiais, foram trocadas em meio a discussões amorosas e aparentes ideações suicidas, objetivamos caracterizar e descrever os documentos, de modo a compreender a defesa dos pontos de vista (PdV – Adam, 2011; 2020) e a responsabilidade enunciativa (Rabatel, 2009; 2012) – maneira como os locutores se posicionam autoralmente em relação a um enunciado – nas epístolas mencionadas. Buscamos ainda observar que correlação pode ser estabelecida no que se refere à emergência e ao uso de valores no interior dos discursos analisados.

Por conseguinte, assumimos uma perspectiva de Análise Textual/Discursiva (ATD) embasada em Adam (2011; 2019; 2020), nos limites do nível N7 e do nível N5, respectivamente níveis da enunciação e da estrutura composicional, atendendo ainda como respaldo teórico Rabatel (2009; 2012) para articular as noções de responsabilidade enunciativa: imputação e dizer assumido (*prise en charge*). Quanto à descrição da interação, estabelecemos um contraponto com a Análise da Argumentação no Discurso (TAD) apresentada por Amossy

(2018). Tomamos, assim, a argumentação como uma prática inerente à vida social humana em que as interações têm como foco gerar adesão a uma tese, produzindo um determinado impacto (Amossy, 2018). Nesse espectro, consideramos também as dinâmicas sociais nas quais estão imersos os sujeitos da interação. Portanto, a escolha do gênero faz-se relevante por ressaltar a atuação e a importância de arguir para sujeitos comuns e em interações cotidianas. Ademais, abre-se caminho para refletir o social, em um recorte direcionado a esses discursos específicos de 1900, podendo interessar a outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a história e a sociologia.

Para atender a essa característica, nos limites da ATD e da TAD, entendida na divisão teórico/metodológica dos campos do texto e do discurso realizada por Adam (2011; 2019), o trabalho estenderá as análises para o campo textual da enunciação (nível N7) em atendimento a marcas linguísticas relativas à polifonia. Em correlação com a TAD, estas marcas, em uma condição hipotética, poderiam representar traços concernentes aos valores, como observados em estudo anterior (Catelão, 2019). Acreditamos que, para uma análise do nível da enunciação (N7), esses conceitos seriam instigadores de características argumentativas dos discursos. Acredita-se também que elas sirvam como critério para observação, funcionando como parâmetro para fatores que podem ocorrer ou coocorrer no interior de uma interação e ainda levar ao exame de um tipo de eixo pragmático e enunciativo.

Em ordem, neste texto, trabalharemos primeiro o entendimento relativo à argumentação (destacando retórica e nova retórica no campo da TAD) e à responsabilidade enunciativa, ambos em associação à linguística textual. A posteriori, são apresentadas as transcrições das cartas selecionadas do casal Elvira e Francisco, junto das análises – essas elaboradas com base em pressupostos da argumentação (categorias axiológicas) e da responsabilidade enunciativa (assunção de dizer e imputação).

### **Argumentação e linguística de texto**

Como é sabido, muito do que se discute sobre a argumentação hoje acaba por fazer um paralelo ou retomada da retórica. A Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), proposta por Amossy (2018), é um espelho disso e propõe a inclusão dos estudos sobre a argumentação no âmbito da análise de discursos. Na linguística de texto, essa retomada também aparece em diferentes perspectivas de análise, como a ilustrada por Adam (2011; 2019; 2020) nos limites da Análise Textual dos Discursos (ATD), com algumas incursões de noções retóricas no entendimento dos esquemas da sequencialidade argumentativa, por exemplo. Seria nesse âmbito que assumimos a perspectiva de aliar TAD e ATD em uma análise de duas bases conceituais: a) aplicação das categorias de modalidades argumentativas e mobilização de valores e categorias axiológicas; b) aplicabilidade do conceito de responsabilidade enunciativa.

### **Retórica e a Teoria da Argumentação no Discurso (TAD)**

Historicamente, os estudos e aplicações dos conceitos da retórica, embasados em Aristóteles, são caracterizados, sobretudo, pelo objetivo de refletir a respeito da persuasão numa dimensão linguageira (Amossy, 2018). Nesses limites, para pesquisas atuais, Amossy (2018) lembra que uma falha nos estudos que precederam a retórica está no fato de ela ter sido resumida ao caráter da ‘arte do bem-dizer’, com a supressão dos processos do *inventio* e *dispositio*, em uma demasiada ênfase ao *elocutio*, ou seja, nos procedimentos oratórios. Este aspecto foi, no entanto, algo superado pela nova retórica (NR), que trouxe ao estudo da argumentação mais visão aos procedimentos e técnicas discursivas que permitiriam provocar ou aumentar a adesão dos espíritos (auditório) às teses que são apresentadas ao seu assentimento (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1996). Essa postura conceitual da NR, que tem por pressuposto o pensamento filosófico clássico, prezou pela ideia de acordo, isto é, a busca por estabelecer pontos de concordância possível mediante percepção prévia de um auditório. Nos estudos do discurso, o conceito de acordo com o preferível permitiu, por exemplo, descrever uma relação a ser estendida aos aspectos enunciativos e à recepção dos argumentos. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) definem então o acordo como elemento que trata dos pontos de concordância (previamente estabelecidos ou não) entre o orador e seu auditório:

Esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações [...]. Por outro lado, a própria escolha das premissas e sua formulação, com os arranjos que comportam, raramente estão isentas de valor argumentativo: trata-se de uma preparação para o raciocínio que, mais do que uma introdução dos elementos, já constitui um primeiro passo para a sua utilização persuasiva (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 73).

Resumidamente, na perspectiva dos autores, os objetos de acordo fazem parte do real (fatos, verdades e presunções) e do preferível (valores, hierarquias e lugares do preferível). Os objetos do real podem ser delimitados como os acordos que são comuns a um auditório numeroso, por vezes, dito universal. Em contraste, ao preferível embute-se os grupos particulares, onde a gerência de valores é mais disponível. Para Reboul (1998, p.1 65):

[...] os valores estão simultaneamente na base e no termo da argumentação. Mais ainda que os fatos, variam segundo o auditório. É certo que há valores universais, mas estes são formais; toda sociedade admite o justo e o belo, mas com conteúdos bem diferentes.

Aprofundando-nos no campo do acordo com o real, os valores surgem como parte do acordo com o auditório particular e representam a base da argumentação por motivar o ouvinte a fazer certas escolhas (e não outras), ao ponto do que poderíamos considerar como forças mais comuns de orientação argumentativa, uma vez que são conduzidas nos gêneros do discurso mais básicos. Os autores dividem, nessa perspectiva teórica, valores universais, particulares, abstratos e concretos. Os universais correspondem aos valores genéricos, que podem ser aplicados em inúmeros contextos a fins de persuasão, em oposição aos particulares, obrigatoriamente inseridos a um contexto específico. As hierarquias, por sua vez, introduzem uma ordenação do que é superior – em comparação a outro objeto – na perspectiva do orador. Dessas classificações são citadas as hierarquias concretas, feitas a partir de seres/objetos existentes no mundo, e as hierarquias abstratas, que elencam o justo acima do útil. Por fim, os lugares seriam ‘depósitos’ classificatórios de argumentos utilizáveis em contextos necessários. Mesmo sendo múltiplos, podem ser delimitados em lugares da quantidade, lugares da qualidade, e outros lugares (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1996).

Com base nessas descrições, delimitamos uma tabela com algumas categorias axiológicas para fins analíticos (Tabela 1) em dadas proposições argumentativas.

**Tabela 1.** categorias axiológicas.

Objetos do acordo particular	Ocorrência e caracterização
Valores particulares	Servem especificamente para o contexto no qual se inserem.
Valores abstratos	Passíveis de representar teorias sobre o bem, o mal na sociedade, em geral, no campo filosófico.
Valores concretos	Ligados a um objeto ou pessoa no mundo.
Valores ideais	Dizem respeito a uma convicção e/ou ao que se considera importante a um sujeito.
Valores apreciáveis	Suscetíveis à admiração e à estima atemporal.
Hierarquias	Estabelecem relação entre os argumentos. Esse processo pode ocorrer das seguintes formas: – Concretamente: ligadas a objetos ou pessoas específicas; – Abstratamente: ligadas a ideais.
Lugares (doxa)	Depósitos de tipos de argumentos. Exemplos: – lugar-comum: sem profundidade, pode ser utilizada para qualquer tema; – lugares da quantidade: algo é superior devido à sua quantidade; – lugares da qualidade: algo é preferível porque é único, ou, porque é ameaçado; – lugares da pessoa: ações acarretam dignidade e merecimento dos seres.

Fonte: adaptação dos autores baseada em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Reboul (1998).

## Responsabilidade enunciativa na linguística de texto

Definida por Adam (2011, p. 21), a ATD propôs “[...] uma separação e uma complementaridade das tarefas e dos objetivos da linguística textual e da análise do discurso [...]” em que a LT seria “[...] um subdomínio do campo mais vasto das práticas discursivas”. É nesse sentido que Adam (2019) descreve o contexto geral relativo aos gêneros, citando, por exemplo, as especificidades das esferas de circulação e seus próprios elementos configuracionais (tema, estilo e forma), seguindo pela descrição das propriedades mais elementares dos gêneros discursivos, que podem ser observadas na descrição do esquema dos níveis e patamares da análise do discurso (Figura 1). A ATD é proveniente da distinção realizada pelo autor entre tipos de texto e gêneros de texto, a qual, segundo ele, passou por diferentes delimitações desde a década de 1970 até os dias de hoje. Dessas descrições, o autor chega às escolhas teóricas e terminológicas: texto como traçado linguístico de uma interação social, ou seja, um tipo de materialização semiótica das ações sócio-históricas da fala, pelas quais a narração, a descrição, a argumentação, a explicação e o diálogo são as formas de condução discursiva; gênero, padrões sociocomunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais utilizam para organizar as formas de linguagem e seu discurso. Para Adam (2019), não há texto sem gênero e é pelo sistema de gênero de dada formação sócio-histórica que a textualidade se junta à discursividade.

Grosso modo, o autor delimita os dois planos de análise, um que diz respeito ao campo da linguística textual, outro com a análise de discurso (desvinculada da Análise de Discurso Francesa - ADF). O campo textual e o campo discursivo podem ser observados na sequência (Figura 1), além de uma classificação nos níveis de análise nos dois planos.

Adam (2019) apresenta que seu esquema integra os três componentes do gênero considerados por Bakhtin, ou seja, a composição no nível N5, o tema em N6, o estilo em N4. Os parâmetros enunciativos e polifônicos estariam presentes no nível N7. O componente interacional de sua teoria social do discurso em N8. Partindo para a unidade superior, encontram-se os níveis N1, interação social e ação visada, N2, relação formação discursiva e interação social, e N3, com interdiscurso e sistema de gêneros. Os cinco componentes não estão hierarquicamente ligados, mas interligados de maneira sistemática e de acordo com o texto produzido, considerando também certa dominância de um ou de outro em determinada circunstância, ou parte de texto.

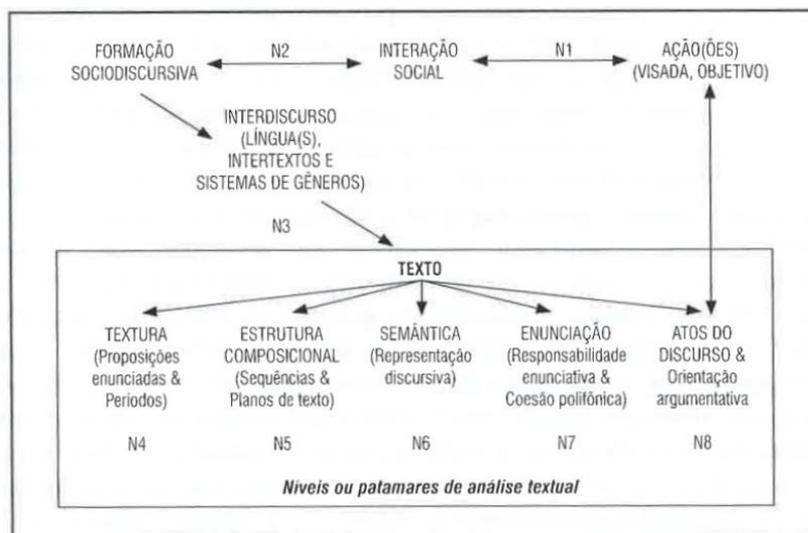


Figura 1. Níveis das análises textual/discursiva. Esquema de análise – Adam (2019, p. 35).

## Enunciação e polifonia (N7): ponto de vista e responsabilidade enunciativa

A noção de responsabilidade enunciativa (RE) aparece no trabalho de Adam (2011; 2019; 2020) ligada ao nível de análise da enunciação e explorada com base em conceitos benvenistianos de enunciado – nível N7 (Figura 1). No entanto, o autor utiliza, para o mesmo nível, a noção de assunção de responsabilidade (*prise en charge énonciative*) junto ao conceito de proposição-enunciado, unidade mínima de análise da ATD e produto do ato da enunciação. Nas palavras de Adam (2020), toda proposição-enunciado carrega em si três elementos: a representação discursiva (conteúdo proposicional) ou semântica do enunciado, o dizer assumido na proposição pelo que é dito e o valor ilocucionário. Para nossas análises, situaremos a noção de RE como mais ampla e a de assunção de responsabilidade como correlacionada à RE com o objetivo de apresentar a relação estabelecida no ato enunciativo enquanto possível de demonstrar maior ou menor grau de comprometimento do locutor/enunciador com o conteúdo proposicional.

A noção de assunção de responsabilidade (B) carrega, para o autor, uma correspondência direta com o ponto de vista (PdV) assumido pelo enunciador e a própria completude do sentido de um enunciado que depende tanto do modo como ele é representado (A), isto é, das escolhas pragmáticas<sup>1</sup> feitas pelo locutor/enunciador quanto pelo tema ou objeto tratado que deverá aparentar validade (seja pelo interlocutor, ou conforme algum autor que embasa essa proposição). A combinação desses fatores influencia ainda no nível ilocucionário (C), visto que a significação do enunciado dependerá do processo de A e B. Nesse sentido, Adam (2011, p. 113) apresenta que:

[...] toda representação discursiva (Rd) é a expressão de um ponto de vista (PdV) (relação [A]-[B]) e que o valor ilocucionário derivado da orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado e uma atividade enunciativa significante [C1]-[B]). Enfim, o valor descritivo de um enunciado [A] só assume sentido na relação com o valor argumentativo desse enunciado [C1]. O sentido de um enunciado (o dito) é inseparável de um dizer, isto é, de uma atividade enunciativa significante que o texto convida a (re)construir.

<sup>1</sup> O autor baseia-se em Grize (2004 apud Adam, 2011) e separa dois regimes pragmáticos para o ato enunciativo: a condição de verdade (separação entre verdadeiro e falso) e o da ficcionalidade (abertura para não separar os enunciados nessa dicotomia; Adam, 2011). Assim, quando um discurso é irônico, por exemplo, ele insere-se no nível da falsidade.

Considerando que o discurso é enredado de conteúdo e forma, tal estrutura permite um pensar metalinguístico, isso significa que existe uma reflexão e uma mobilização de estratégias do locutor/enunciador para colocar-se ou não, autoralmente, mais ou menos no enunciado que profere. Em uma instância de análise enunciativa podem ser encontradas/delimitadas as figuras do locutor e do enunciador como maneiras de caracterização de um dado gênero (se poligerido ou monogerido) ou da situação de interação, ponto ao qual inserimos as noções de Rabatel (2009; 2012). Sucintamente, o autor sistematiza as fontes do dizer, o que poderia contribuir ao nível N7 apresentado por Adam (2011).

Para Rabatel (2009; 2012), existem duas instâncias de enunciação, o locutor (L1/E1) e o enunciador (E1/e1). Elas seriam instâncias de validação do PdV, sendo o locutor (L1) o produtor físico do enunciado e o enunciador (E1), a instância origem do PdV. Para o autor, essas fontes nem sempre são correspondentes (L1/E1), pois, mesmo que um locutor possa ser sempre o enunciador, nem sempre o enunciador vai corresponder ao locutor ou origem do dizer, uma vez que uma dada proposição pode ser imputada a outro enunciador (e2).

Nesse sentido, Rabatel (2009) delimita alguns marcadores, contribuindo com a organização de Adam (2011; 2019) – que traz o conceito de RE para o esquema de análise geral (Figura 1), mas direciona para a noção de proposição-enunciado o termo *prise en charge*, como apresentamos anteriormente. Isso abre espaço, neste trabalho, para as noções de imputação e *prise en charge* (PEC), nos limites do que discute Rabatel (2009) e Cortez (2013). Para Cortez (2013), os dispositivos de *prise en charge* e imputação podem ser definidos como formas de manifestação ou da presença de si e do outro no discurso. “Desse modo, o ponto de vista do outro é identificado não apenas pelo ‘dizer assumido (*prise en charge*)’, mas também através do ‘dizer e percepções atribuídas pelo produtor do texto (imputação)’ a outro(s) enunciador(es)” (Cortez, 2013, p. 294, grifos nossos).

Analiticamente, Rabatel (2009) parece se concentrar, nesse estudo, em exemplos monogeridos, apesar de apresentar a possibilidade de entrada de um locutor/enunciador segundo. Dessa forma, traz a distinção: L1/E1 – sincretismo da fonte do dizer e enunciador primeiro no discurso (principal ocorrência em enunciados monológicos); l2/e2 – sincretismo entre locutor e enunciador segundo (casos mais próximos aos discursos poligeridos, mas que por razões dialógicas podem ser instaurados em certos gêneros e até mesmo em certas condições do discurso relatado); e2 – casos de imputação do dizer (quase PEC, ou responsabilidade limitada) em que não se tem, não se apresenta ou não se sabe a fonte ou origem do PdV representado (Cortez, 2013).

Dessas categorias, o autor passa a delimitar os tipos de relato da RE que, ao nosso ver poderiam cobrir, a princípio, as relações retóricas de acordo e dissensão em instância enunciativa. Em outras palavras, ao fazer a imputação, o locutor poderia partir inicialmente dessas duas premissas e, em um caso ou no outro, focalizar, ampliar, retificar, confirmar ou negar uma tese.

Destacamos essas categorias, pois elas podem agir no interior de nosso *corpus* como uma espécie de estratégia enunciativa na busca pela adesão. Linguisticamente, conforme Adam (2011), essas e outras características podem ser auferidas a partir de determinadas escolhas linguísticas, que nas descrições de Rabatel (2009) fazem parte dos contornos da tomada enunciativa (*dizer assumido/prise en charge*). Acredita-se, tendo em vista a interação amorosa a ser analisada, que haveria uma diversidade de elementos demonstrando tanto muito envolvimento com o conteúdo relatado e com o co-enunciador quanto relatos aos quais os autores manifestariam afastamento, negando a responsabilidade dos conteúdos proferidos. Essas categorias seriam representativas e indicadoras de vozes que ecoam nesses textos e, nesse sentido, os conceitos apresentados por Rabatel (2009; 2012) poderiam auxiliar nessa descrição.

As vozes marcam o grau de RE das proposições-enunciado que, além das categorias expressas por Rabatel (2009) em L1/E1, l2/e2 e e2, delimitam lugares sociais e, de algum modo, acreditamos que valores utilizados para convencer o outro. Além disso, o fenômeno da imputação e das outras facetas argumentativas delimitam também as relações de acordo, dissensão e neutralidade presentes em uma interação

## Procedimentos de coleta dos dados, seleção e transcrição dos documentos

O *corpus* desse estudo foi coletado em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro (ANRJ), nos quais apenas foram disponibilizados para consulta e divulgação processos abertos entre os anos de 1890 e 1940. As cartas que fazem parte dessa pesquisa inserem-se em um grupo de documentos não descritos em estudo anterior (Catelão, 2013). A amostra conta com trocas de cartas dos anos de 1907 e 1908 entre Elvira da R. L. e Francisco de S. N., o Chiquinho (documentos históricos/ANRJ, abertos à pesquisa e divulgação pública).

As cartas foram extraídas de inquéritos de suicídio e tentativa de suicídio, não necessariamente se tratando de cartas de suicídio, mas de uma condição que antecedeu aos atos de homicídio seguido de suicídio. Como apresenta uma transcrição do inquérito da 13.<sup>a</sup> pretoria MN 2174, segundo o relatório oficial, o casal foi encontrado morto por tiro. Nota do inquérito (folha 143): “As provas colhidas com a declaração das testemunhas, com as cartas apreendidas que vão juntas e finalmente com o resultado das autópsias a que se procedeu, levaram-nos à conclusão de se tratar de um assassinato seguido de suicídio”.

Para as análises, trouxemos dois exemplos representativos de cada autor, selecionados com base na quantidade de dados novos, seguidos da transcrição dos documentos. O *corpus* total é composto de 12 cartas encontradas anexadas ao inquérito, sendo 3 de Francisco (Chiquinho) e 9 de Elvira. A pesquisa seguiu por uma abordagem de natureza descritiva e para a compilação dos documentos seguimos primeiro pela ordem de apresentação dos documentos no inquérito, depois de uma reorganização pela data constante nos próprios manuscritos, buscando por uma ordem lógica dos corpos narrativos. Por nos basearmos no fato de que poderia haver falta de algum documento, procuramos estabelecer as análises baseadas nas teses apresentadas em cada carta (argumentação principal) e na descrição dos princípios de imputação (L1/E1, l2/e2, e2).

### **Análise e descrição dos documentos: ponto de vista e representação discursiva**

Como destacado, o gênero escolhido para análise corresponde a cartas do início do século XX. De uma maneira geral, as cartas podem ser descritas como um tipo de gênero que sofre influência direta da situação interativa que a envolve. Em outras palavras, uma troca de cartas, por exemplo, se assemelha muito mais aos discursos orais (texto dialogal-conversacional), o que, de forma escrita e a seu modo com o distanciamento físico e temporal, trazem uma espécie de intercâmbio bipartido em que o sentido muitas vezes se constrói conjuntamente (Adam, 2019). É nesse sentido que retomamos Adam (2019, p. 229) em sua descrição da carta como gênero dialogal monologado, “[...] a forma epistolar, apesar de monogerida, retoma, à sua maneira, o plano de texto do oral, cujos diferentes gêneros epistolares regulam as variações tanto formais quanto estilísticas”.

Para nossas análises, concentradas no nível N7, essa apresentação de Adam (2019) contribui para o entendimento das interações amorosas. A distância no tempo e no espaço, para o autor, trarão dêiticos para revelar o aqui-agora da enunciação. Dessa distinção, lançamos mão do possível mapeamento enunciativo quanto às questões de RE, imputação e *prise en charge* no *corpus* em questão (Rabatel, 2009; Cortez, 2013). Usaremos, assim, a demarcação L1/E1 para locutor/enunciador primeiro ou autor da carta; l2/e2 se houver nos documentos casos de asserção explícita da fala do outro; e2 para casos de imputação, em que o locutor primeiro fala pelo enunciador segundo.

### **Grupo de cartas de Francisco (Chiquinho)**

Francisco, como já mencionado, escreve três das doze cartas que aparecem nos documentos da pretoria. Destas, selecionamos duas para as análises. A primeira carta a ser analisada é também a primeira carta indicada no inquérito e sua subsequente, carta 4, a segunda. A análise seguirá pelo esquema de sequencialidade argumentativa (nível N5), adaptado e ampliado de Catelão (2013), seguido pelas marcações de RE (PEC ou de imputação) no documento (nível N7). A argumentação será observada ainda pela emergência do uso dos valores no interior da sequencialidade argumentativa.

### **Transcrição e análise – C1**

<abertura> Rio de Janeiro 26-9-907

Sta D<sup>a</sup> Elvira

Saudações

<exórdio> Em primeiro lugar desejava saber quais foram as moças que namorei aqui neste lugar? <corpo>em meu pensar só foi a St<sup>a</sup> e por prova entreguei o meu coração ... o passeio que eu dei sabbado não foi por cauza da Bébéca, porque nunca pensei em namoral-a, mas sim por cauza da St<sup>a</sup>. O melhor era fazer-lhe sciente verbalmente, mas havemos de ter tempo um dia de conversa em tal assumpto. Nunca posso acreditar que a St<sup>a</sup> ama-me tanto como declara porque o coração da mulher é volúvel. Agora vamos outro assunto.

É assim que a St<sup>a</sup> declarou-me ter amor antes de hontem pela carta que escreveu-me. Eu vendo hontem o celebre soldado que foi ou é seu namorado aqui na Terra Nova cauzou-me certa estranheza, então fui espreital-o pondo-me em certo lugar onde vi a St<sup>a</sup> trelando com o mesmo (soldado). <peroração> Peço especial favor de dizer-me qual dos

dois é preferível em vosso coração???  
 Cuidado. Peço muito segredo com as cartas.  
 <fechamento>  
 Do seu maior admirador  
 Chiquinho

Argumentativamente, o documento se inicia com a marcação da tese anterior, delimitada dialogicamente com a pergunta ‘Em primeiro lugar desejava saber quais foram as moças que namorei aqui neste lugar?’, pela qual L1/E1 (Chiquinho) apresenta os dados que vão reforçar a tese de que e2 (Elvira), não o ama. Uma restrição implícita ficaria por conta da pressuposição de que L1/E1 teria realmente outra pessoa. Esta carta traz uma proposição dos dados calcada no acordo com o real, baseada em fatos ou na pressuposição de verdade, mas que são imediatamente reforçados por valores da sociedade da época. Percebe-se na fala de L1/E1 uma estreita relação entre os valores esperados ao homem, quais sejam dignidade e fidelidade, e trato verbal, que seriam comprovados em um encontro físico com Elvira, como em ‘O melhor era fazer-lhe sciente verbalmente’. L1/E1 apresenta ainda, junto aos mesmos dados, reforço da tese (nova tese) de que ‘Elvira não o ama, por isso as desconfianças’ outra marca de seu PdV também enfatizada pela utilização de um valor que poderia ser representado na ordem das hierarquias com filiação a um lugar-comum, hierarquização do homem em relação à mulher, em ‘o coração da mulher é volúvel’ (nova tese) – (Figura 2).

Quanto à PEC e os movimentos de imputação, é possível observar que o PdV é frequentemente reforçado pela inversão da tese anterior, enfatizada por questionamento e solicitação de provas com retomada por imputação, na maior parte do tempo da fala de (e2). Acreditamos, sobretudo, que para o gênero, mesmo que monogerido, a troca de cartas implica maior presença de um l2/e2, principalmente no caso de posicionamento contra-argumentativo como em ‘Em primeiro lugar desejava saber quais foram as moças que namorei aqui neste lugar? em meu pensar só foi a St<sup>a</sup> e por prova entreguei o meu coração’, em que a voz de Elvira aparece relatada ou retomada pela pergunta. Esse movimento argumentativo indica, nesse caso, uma origem externa da fonte do dizer, mesmo que a proposição tenha sido proferida por L1/E1. Há ainda uma forma típica de destaque dos dados que aparecem, em sequência, relacionados a uma espécie de doação do ser, podendo influenciar a argumentação como um valor ideal na construção da imagem de si e do outro. Os mesmos tipos de dados, estar se encontrando com outra pessoa, por exemplo, são utilizados por L1/E1, mas ancorados em valores apreciáveis como a devoção e a entrega, o que põe em dúvida o ponto de vista imputado a e2 (tese anterior de Elvira), visto em ‘o passeio que eu dei sabbado não foi por cauza da Bébéca, porque nunca pensei em namoral-a, mas sim por cauza da St<sup>a</sup>’, sobre um suposto passeio de L1/E1.

A RE é ainda sustentada por elementos linguísticos que denotam organização argumentativa e autoria. Assim, o caráter acusativo na frase ‘que foi ou é seu namorado’, de L1/E1 para e2, só é possível devido à dúvida posta por meio da indicação temporal ‘foi’ – seria no passado – e, especialmente, ‘é’ – sugerindo traição recente. Por sua vez, muito significativos, os índices pessoais são, nesse caso, adjetivos (‘celebre’ e ‘volúvel’), referentes à Elvira e ao soldado com o qual estaria envolvida. Além de julgá-la, L1/E1 atribui o discurso a e2 por mediação da fala: ‘declarou-me hontem’. Perceba-se ainda o ‘eu’ insurgente por suporte de percepções e pensamentos em ‘me cauzou certa estranheza’, além das posições de verdade ‘vi’ e intensificação ‘nunca posso acreditar’ e ‘nunca pensei em namoral-a (bebeca)’.

Não obstante, na tese de L1/E1, as afirmações e condutas atribuídas a e2 são demarcadas por referência ou causa de terceiros (Bébéca e um soldado), sem imputação de ponto de vista por dizeres para os dois, apenas aparecendo como dado ou causa de refutação da tese anterior (Figura 2). Ao soldado ainda poderia ser observada certa mobilização de L1/E1 por tensão polifônica inerente à ironia em relação à utilização de ‘célebre’ (PdV1 condecoração, PdV2 depreciação), amplificando a nova tese de que Elvira não o ama e da inconstância do coração feminino.

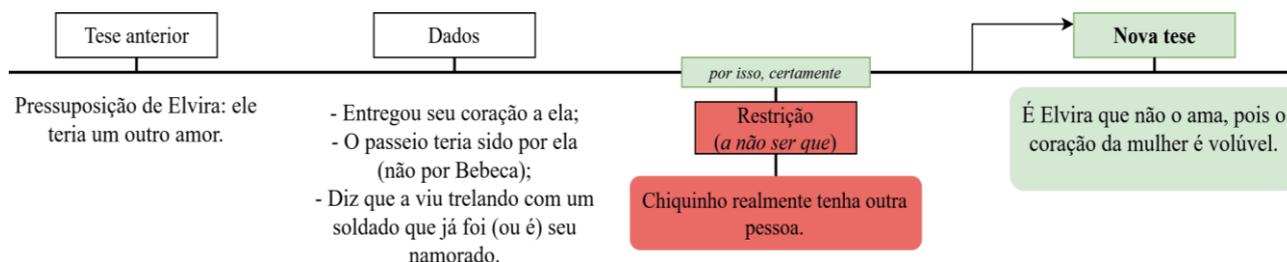


Figura 2. Análise quanto à disposição argumentativa C1. (citar figura no texto)

## Transcrição e análise – C4

<abertura sem data> Ex.ma S.ta D.<sup>a</sup> Elvira

<exórdio> Esta tem por fim participar-lhe o meu dezistimento das pretensões que tinha para com a vossa pessoa devido ao mau procedimento da vossa parte. <corpo> (ilegível) que fostes das 9/12 as 11 horas foram 12 danças das quais não perdeu uma, apreciei até a dita hora!!!.....

a amizade que tinha a vossa pessoa tornou-se em odio demaziado, avizada estavas, portanto abuzou! foi por vossa culpa e vontade. Mentistes; tua irmã não apareceu em tal baile, e ainda apreciei as rizadinhas que davas para um rapaz, que apanhei informações sei chamar-lhe Juvenal. Agora debes continuar a dançar, pois não é?!?! faça proveito.

<peroração> Terminando esta peço a devolução de minhas cartas que tenho em vosso poder, sendo da vossa vontade, que devolverei as vossas.

Peço desculpas das expreções offensivas caso achares.

<fechamento>

Deste seu

Chiquinho

16-11-07

Em C4, Chiquinho (L1/E1) novamente opta por uma argumentação calcada em imputação e pressuposições, ou dados que não aparecem explicitamente no documento em análise, mobilizados no que se poderia categorizar como valores do corpo social vigente no início do século XX. O PdV tecido por L1/E1 é sustentado por certa ‘mágoa’ ao modo de ser e de agir remetido à Elvira (e2) – ‘Esta tem por fim participar-lhe o meu dezistimento das pretensões que tinha para com a vossa pessoa devido ao mau procedimento da vossa parte’ –, sugerindo um valor ideal, e ao lugar da pessoa, em sua dignidade e merecimento de algo, tanto que, além do locutor caracterizá-la por supostas mentiras, afirma que o término do namoro ‘foi por vossa culpa e vontade’ (culpa de Elvira). Outro fenômeno recorrente no processo de valoração, em defesa do PdV, é a utilização do valor apreciável no final da carta, para demarcar a importância da devolução das cartas e na construção terna ao pedir desculpas por possíveis ‘expressões ofensivas’. Para Adam (2019), essa característica na peroração tem por objetivo preparar a recepção da troca, imaginando futuras interações com o destinatário, trazendo ainda um efeito mais patético.

Em consonância com outras cartas, há um dialogismo discordante, isto é, L1/E1 responde às cartas de e2 em negação, tal como pauta Rabatel (2009) no que diz respeito ao PdV e aos dados apresentados. A alteridade é construída por L1/E1 de modo a concentrar-se nas condutas positivas (e consideradas esperadas ao sexo masculino) e em e2 nas negativas (próprias e esperadas ao sexo feminino), destacadas pela sustentação de valores ideais, dignos de importância a ele e a ser apreciável e valorizada por ela, em uma relação hierarquizante. Dessa forma, constroem-se dois polos entre verdade (homem) e mentira (mulher). Em C1 há uma associação planejada entre o real e o preferível. É por conta dessa valoração constantemente negativa atribuída à Elvira que o locutor justifica a investigação de seus passos e atitudes, procurando-a no baile, apanhando informações acerca de seu suposto amante, e justificando até a invocação de um e3 acusativo ‘apanhei informações sei chamar-lhe Juvenal’.

Ademais, em C4, assim como em C1, insere-se uma marca polifônica acentuada devido ao tom aparentemente irônico presente, por exemplo, na afirmação ‘Agora debes continuar a dançar, pois não é?!’, que retoma a suposta inverdade de e2 (apresentada em correspondência anterior) em sua postura frente ao relacionamento dos dois. Contudo, mesmo com o ‘demaziado odio’, L1/E1, na peroração, assume postura de autocontradição em relação às expressões inicialmente dirigidas à e2, o que, associado à construção afetuosa (uso do pronome possessivo) do fechamento ‘deste seu Chiquinho’, pode inferir uma tentativa de término amigável, evitando que ela se magoe, ou marcando um desejo de reencontro físico com e2, visto que o trecho estabelece maior acordo com o preferível (valores), do que com o real (fatos propriamente ditos).

As questões de imputação dizem particularmente respeito, nesse documento, ao ponto de vista de L1/E1. As condutas são imputadas não apenas por um dizer, mas pelo olhar do próprio Chiquinho. Esse é apresentado na nova tese de que e2 teria assumido um comportamento indesejado em relação à tese anterior de que ela afirmaria amá-lo e respeitá-lo, contudo, mentiu como em ‘Mentistes; tua irmã não apareceu em tal baile’, discurso relatado. As outras proposições são marcadas pela imputação do PdV a e2 (Figura 3).

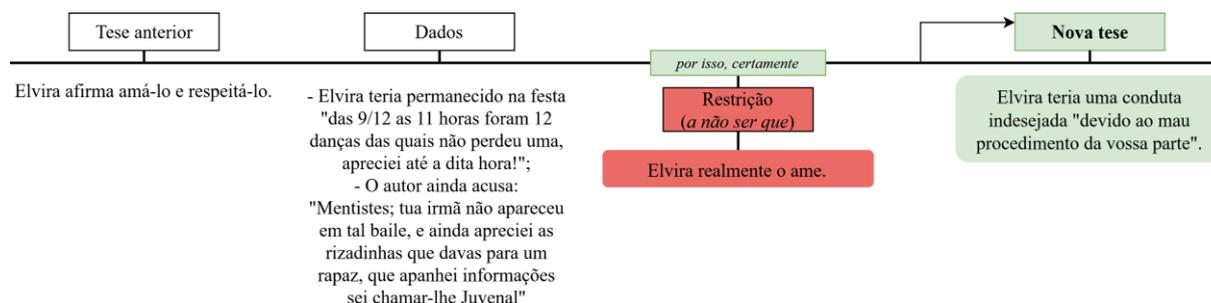


Figura 3. Análise quanto à disposição argumentativa C4. (citar figura no texto)

## Grupo de cartas de Elvira

Com número maior de produções, as cartas encontradas de Elvira representaram uma grande parcela da amostra, não se tendo, até o momento, dados que indiquem significativamente os motivos dessa ocorrência (talvez ela realmente tenha produzido mais cartas). Por meio de uma seleção prévia entre documentos anexos ao inquérito policial, serão apresentadas as transcrições da carta 05 (C5), primeira reportada no inquérito e em relação direta com o teor das cartas de Chiquinho, e da carta 10 (C10), também por apresentar mais dados quanto à interlocução com C1 e C4.

Quantos aos parâmetros da análise enunciativa, destaca-se a emergência de L1/E1 para locutor/enunciador primeiro agora representado por Elvira; l2/e2 se houver nos documentos casos de PEC; e2 para casos de imputação, o locutor primeiro fala pelo enunciador segundo.

## Transcrição e análise – C5

s/data

<abertura apenas com saudação> Chiquinho

<exórdio> Eu te dize que mandava as tuas cartas mais não te mando porque nem tenho coragem de te mandar ellas ade hir dentro do meu coração e emquanto eu vida tiver ellas ade andar em meu seio so sairão quando eu morrer e a gora as minhas pode quemar ou botar fora , eu numca pensei de ser desprezada por ti <corpo> porque antenonten tu me dissestes que eu era fingida que não lhe tinha amizade que tomara que eu tivece como o senhor me tinha mais tu não me tinhas amizade alguma me namoravas por uma combinação agora vaz dar gosto a muita gente principalmente a quem o senhor tinha amizade a bebeca mais não faz mal talves que ella seja melhor do que eu, eu Chiquinho da minha volta (ilegível) eu esquecime na estante mais de ti numca que eu eide esquecer so morrendo. basta ter o teu nome em casa para nunca esquecerme eu sinto e de não acreditares no que eu te digo eu não sei que prova eu eide te dar para tu acreditares quem não sabe que quem me defloro foi quem lhe dize desconfio que sim porque dão tanta prova mais não faz mal Deus é muito grande. <peroração> Chiquinho eu so digo é que se eu tornas a namorar outro eu quero ser a mulher mais desgracada deste mundo.

<fechamento> Não te escrevo mais porque nem posso com tanta dor de cabeça.

Desta que tamanho desprezo

deste Elvira um nome tão emfeliz.

Adeus pesso que não deche de passar por la sim?

Usando o esquema de dominância argumentativa (Figura 4) para C5 é possível perceber discordância de L1/E1 em relação à tese anterior de Chiquinho, elaborando uma argumentação pautada, sobretudo, em um acordo com o preferível. Em um primeiro plano, L1/E1 elabora a epístola em torno dos seus sentimentos, visto que foram motivo de dúvidas do interlocutor (Chiquinho), assim, relata sua dificuldade em devolver as cartas 'emquanto eu vida tiver ellas ade andar em meu seio so sairão quando eu morrer', o que poderíamos considerar o mais próximo possível de uma PEC – *prise en charge* – (l2/e2) quando em contraste com o pedido final em C4 'Terminando esta peça a devolução de minhas cartas que tenho em vosso poder, sendo da vossa vontade, que devolverei as vossas'.

Outro momento próximo a uma *prise en charge* ocorre em 'tu me dissestes que eu era fingida que não lhe tinha amizade', que, em uma relação pragmático/enunciativa, remete o teor da fala a e2, algo que Chiquinho tenha falado antes, contudo, sem marcas explícitas, o que continua remetendo à de imputação de PdV a e2. Pelo regime de valores, essas características poderiam ser compreendidas como uma espécie de mobilização do lugar da qualidade, isto é, de ressaltar a validade do que é único e irreparável no amor dos dois. Em um segundo plano, L1/E1 argumenta contra os que duvidam de sua integridade: tanto os supostos maledicentes (e3), pelo levantamento de 'tanta prova' acerca de sua hipotética concupiscência, quanto ao e2, por, na verdade namorá-la 'por combinação'.

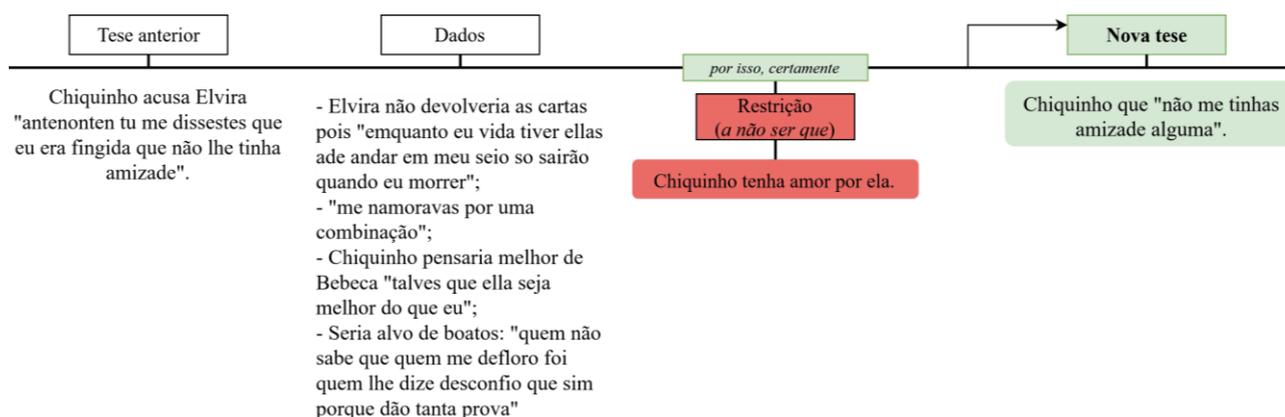


Figura 4. Análise quanto à disposição argumentativa C5. (citar figura no texto)

É também possível perceber um movimento polifônico, não ligado à ironia como no discurso de Chiquinho, mas em relação às provas em que são apresentados outros enunciadores não explicitados. O discurso de L1/E1 em contraste tem marcas mais particularmente ligadas ao estabelecimento de uma imagem de si como cativa e assujeitada ao interlocutor, o que de certo modo corresponderia à hierarquia entre sexos também expressas em C1 e C4. As falas desses enunciadores terceiros (e3) agregam carga argumentativa à tese de L1/E1, representando fontes enunciativas que estariam tramando contra o enunciador primeiro e contra o amor dos dois. Esse fato corrobora ainda à visão de amor frágil e ameaçado como em: ‘quem não sabe que quem me defloro foi quem lhe diz desconfio que sim porque dão tanta prova’ (Figura 4).

Apesar da postura defensiva de L1/E1, a base de seus argumentos diferencia-se em função da aposta do sofrimento e da sujeição como tentativas de estabelecer acordo com Chiquinho, com base no preferível. De tal maneira, emprega lugares-comuns (‘Deus é maior’) e ainda uma pretensa hierarquia com outros enunciadores (talvez ela seja melhor do que eu), tratamento indireto para engajar uma resposta a Chiquinho.

Analogamente, as citações de L1/E1 demarcam certo diálogo no constante uso de índice pessoal possessivo para demarcar vínculo entre os locutores e enunciadores (L1/E1, e2) do diálogo (meu e teu, por exemplo), bem como a contextualização, advinda de dêiticos temporais, dos dias entre as cartas (anteontem), e os mediadores que atribuem conteúdo a e2 e e3. Além disso, é possível ainda perceber em C5, além da marca de vulnerabilidade, a seleção de verbos no presente do indicativo, demarcando certeza (oposto de, por exemplo, o futuro do pretérito do indicativo ‘escreveria’, que demonstra dúvida) e maior PEC pelo locutor-enunciador primeiro em ‘pode queimar’ e em ‘não te escrevo mais porque nem posso com tanta dor de cabeça’.

Uma característica particular desse documento está nas maiores ocorrências de mobilização (mesmo que sem marca explícita com discurso direto) de l2/e2 (locutor enunciador-segundo), com a atribuição de dizeres a Chiquinho, que, estão particularmente relacionados à C4 em: ‘a amizade que tinha a vossa pessoa tornou-se em odio demaziado, avizada estavas, portanto abuzou! foi por vossa culpa e vontade. Mentiste [...]’, mostram-se mais aparentes. Essa é uma questão que norteia nossa pesquisa, pois, apesar de Adam (2019) considerar as cartas de amor como discursos monogeridos pela distância espaço-temporal, essa situação de troca de cartas parece indicar para o nível N7 certa emergência de l2/e2 no que diz respeito à RE. Esse dado parece trazer ainda certa confluência com a imagem de si e a projeção do outro, por meio de marcas intertextuais.

## Transcrição e análise – C10

<abertura> Meu querido e engrato Chiquinho?

Meu Chiquinhozinho muito mão em primeiro lugar estimo que essas mal notadas linhas vão te encontrar com toda calma, para que esta carta não lhe va fazer mais genio, porque ja tem muito de mais <exórdio>. Chiquinho eu não nego que fui ao baile eu não te disse nada foi porque eu emcontrei muitos conhecidos teus e pensei que alguns delles te contacein e mesmo eu não lembreime mais porque eu não fui dançar somentes fui esfriar sahi la de casa ja passava da meia noite mais eu estando na porta tocarão uma valça e então eu dancei e vim me embora logo pergunta a está pessoa que te contou que me vio la se eu fiquei dançando eu somentes viste a bluca e a sai por cima da outra so para fazer a vontade a ella mais eu não queria ir porque pensei que tu ficares zangado e então foi a razão que eu fui e esta pessoa que te contou que eu estava namorando não diz na minha prezencia que eu estive namorando porque era presizo que eu tambem fosse muito emgrasadeira de mais para ir namorar uns negros muito sem graça parece que

os macacos por serem bichos dançaõ melhor do que elles assim mesmo fazes bom juizo de mim. (ilegível) procurastes tantos meios para ficar mal com migo. até que arangastes uma cauza sem pé nem cabeça isto tudo é signal de uma pura amizade quem dera que tu tiveces a terca parte da amizade que eu te tenho se tiveses não fazias isto mais como não tens porizo fazes isto es muito emgrato mais emgrato não podes ser. Chiquinho antes eu ficase completamente cega quando olhei para teu rosto porque ao menos eu não te tomava amizade e não sofria aos teus disprezos todos e me chamaste e não fazeres cazo de qualidade alguma teres coragem de passar la em casa com o Paulo china e trocares o chapéo para eu. não te comhecer mais qual estais completamente emganado eu so decharei de te conhecer quando eu ou tu morreres mais emquanto nos estivermos vivos não. Chiquinho hontem (e4) eu sube que tu prigastes nas sapataria despois que saistes da que se sobeses como eu fiquei tu não ias brigar, meu filinho do céo não sejas tão mao para mim porque eu te tenho tamta amizade que nem posso calcular bem debes saber que tu quando zangas com migo dais gosto a muita gente para que fazes isto em Chiquinho por cauza de uma porcaria que ja pasasse a tanto tempo mais (ilegível) <peroração> se tu gostace de mim não ficavas tão zangado assim, esta noite Chiquinho eu não durmi nada so pensando em ti meu emgrato?

<fechamento> Eo mais acceite mil saudades e lembranças desta tua desprezada Elvira Lopes [a autora risca seu próprio nome]

<marca próxima a um post scriptum>

Se não vieses aqui logo me manda a resposta sim não faz eu ficar aflita sim eu escrevi esta carta faltavas 20 para uma hora. meu nome eu risco é porque sei que para sua pessoa elle não valle nada? Não é verdade...

Nessa última carta selecionada, L1/E1 destaca sua argumentação por meio da conversão de supostos fatos e verdades (acordo com o real) em valores pessoais (acordo com o preferível). O PdV é construído gradualmente, de forma que a autora, inicialmente, elenca premissas que refutariam a sua culpa (tese de Chiquinho em C4 da ‘conduta indesejada de Elvira’), o que ressaltaria seu modo de agir na festa citada no documento e agora retomada pela emergência de l2/e2. Para L1/E1, uma dança não deveria configurar uma desonestidade ao relacionamento. Como reforço são demarcados valores que se acentuam a uma lembrança (dia no qual Chiquinho teria mentido para Elvira) para acusá-lo. Nesse sentido, há certa retomada da argumentação de C1 sobre o fato de estar com outra pessoa. Há, em C10, uma clara marcação de hierarquias concretas apoiadas em valores sociais, em que L1/E1 afirma explicitamente superioridade em relação a outro grupo social ‘esta pessoa [e3] que te contou que eu estava namorando não diz na minha prezencia que eu estive namorando porque era presizo que eu tambem fosse muito emgrasadeira de mais para ir namorar uns negros muito sem graça parece que os macacos por serem bichos dançaõ melhor’. Trata-se de contra-argumentação movida pela transferência de um dado (estar na festa dançando) à impossibilidade de haver qualquer relacionamento afetivo por uma hierarquia de raça (Figura 5). A hierarquia de raça parece o único recurso da autora para aumentar a projeção de sua tese, quase em um tom polifônico de humor no sentido de ‘parecer ser uma brincadeira’ a afirmação de namoro por e3. Outra hierarquia já marcada pode ser observada em ‘meu nome eu risco é porque sei que para sua pessoa elle não valle nada? Não é verdade...’, em uma relação social ou entre sexos.

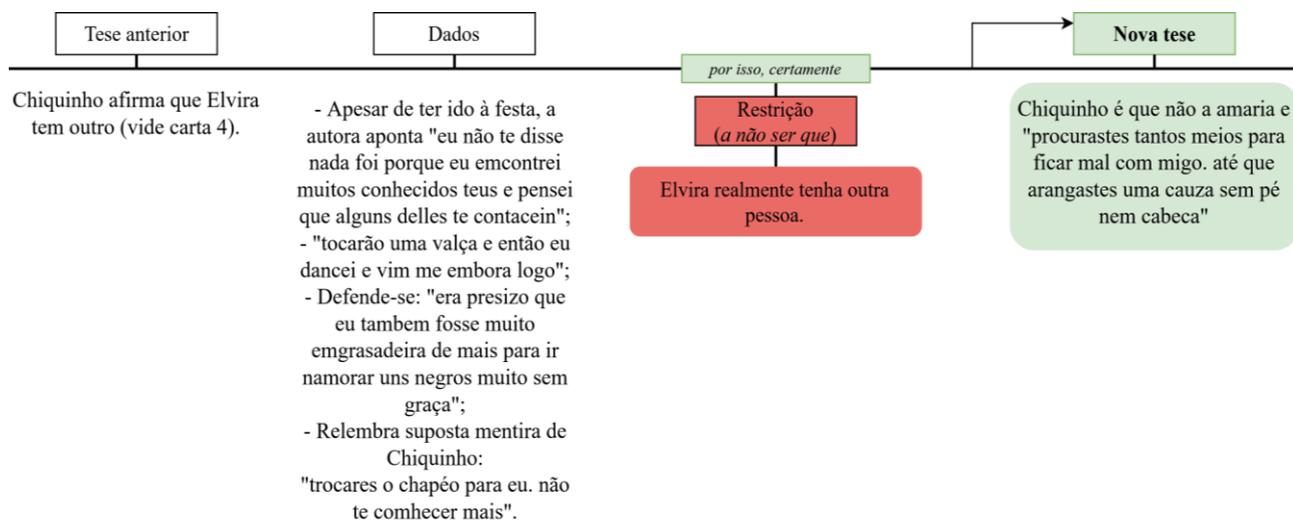


Figura 5. Análise quanto à disposição argumentativa C10.

Na demarcação de vozes, a polifonia apareceu como um recurso em dualidade: apesar de imputar uma ação a um enunciador terceiro (e3) ‘eu sube que tu prigastes’, por exemplo, há também assunção de dizeres. A segurança de posicionamentos pode ser auferida, primeiro, por frases verdadeiras (no sentido de condição pragmática<sup>2</sup>, contrárias à ironia) como ao afirmar que não namoraria negros; ao destacar, ainda, que isso tudo teria ocorrido há muito tempo (sem motivos para uma briga recente); e também ao alegar ‘quem dera que tu tivesses a terca parte da amizade que eu te tenho se tivesses não fazias isto’. Segundo, por frases irônicas, vistas em ‘isso tudo é signal de uma pura amizade’ e na alegação ‘assim mesmo fazes bom juízo de mim’.

A responsabilização pelos enunciados torna-se palpável na exploração dos marcadores linguísticos autorais com utilização dos índices de pessoa para adjetivar – ‘emgrato’ e ‘porcaria’, por exemplo – e aproximar-se do enunciador segundo com os pronomes possessivos ‘meu’, ‘meu filinho do céu’ e ‘tua desprezada’. A definição de tempo também é uma constante – nesse caso por meio do dêitico temporal ‘20 para uma hora’. Além disso, as relações de imputação de ações, falas e pensamentos a terceiros, como em ‘a pessoa que te contou’, denotam indignação de L1/E1 face aos argumentos em C1 quanto suas condutas.

Essa interação aparece basicamente marcada como uma relação dialógica ou contra-argumentativa no sentido apresentado por Adam (2011) para a marcação de sequencialidade argumentativa dominante. Ambos os amantes fazem uso de imputações para construir suas teses como forma de rebater valores e somar outros às condutas boas ou más que são apresentadas por um ou outro enunciador nas cartas. O dialogismo entre as cartas também é essencial ao entendimento em razão não só das situações relatadas a partir dos dois pontos de vista como também pela similaridade de estratégias argumentativas com o uso de acordo com o preferível.

### Considerações finais

Os resultados obtidos com essa aplicação possibilitam observar características individuais concernentes às escolhas dos autores, mas também, como almejavamos, características gerais e relacionadas aos usos de estratégias argumentativas ligadas ao acordo prevalentemente com o preferível, talvez uma característica do gênero carta de amor, frente ao tipo de conteúdo enunciado além de sua intrínseca relação com a sequencialidade argumentativa (nível N5). Acreditamos que, para uma análise do nível da enunciação (N7), a correlação com a TAD (Amossy, 2018) e os acréscimos das noções de imputação e *prise en charge* (Rabatel, 2009; 2012) funcionaram como critério para observação das representações discursivas e incursões dos PdVs nas trocas de cartas com temática amorosa. Os fundamentos levaram à criação de um parâmetro das condições enunciativas que ocorreram no interior do gênero, remontando a um eixo pragmático/enunciativo como discute Rabatel (2009).

Preliminarmente, em um sentido mais estilístico (e individual), observamos certa diferença entre os locutores/enunciadores analisados: ele, Francisco, mostrou em suas missivas uso mais diversificado dos recursos linguísticos e argumentativos em relação à escrita formal; ela, Elvira, por vezes, parece perder o eixo que orientaria argumentativamente suas cartas, citando vários dados não correlacionados e/ou se distanciando dos objetivos da situação sociodiscursiva. Esse aspecto pode revelar também uma estratégia argumentativa mais patêmica e hierarquizadora. Essa distinção entre os locutores/enunciadores parece coincidir ainda com uma marca contextual e social do período e com os próprios traços de formação discursiva que os dois sujeitos faziam parte, já que a educação de homens e mulheres no início do século XX era/é apresentada como profundamente desigual.

Segundo a perspectiva da TAD de que os discursos visam sempre produzir um impacto e nesse sentido se orientam para a visada argumentativa (adesão à tese a qualquer custo) ou têm uma dimensão argumentativa (uma modificação de visão – Amossy, 2018), as cartas permitiram observar certo direcionamento à dimensão argumentativa por meio da esquematização do PdV, justamente por colher as convergências de todos os PdV, sustentados por tipos de valores em repetição. A tensão latente da argumentação dialógica é equilibrada porque o protagonismo (ele ou ela) das cartas é fomentado em suas diferentes formas de ver o relacionamento, mesmo quando trazem fatos (acordo com o real) para a argumentação. Consequentemente, as considerações de como comportar-se socialmente e o que tornaria digno o homem são constantemente reforçados (valores ideais, apreciáveis, como também os lugares da pessoa). O tema do amor, por ser protagonista, recebe diferentes concepções e formas, como motivações sentimentais com a amizade, necessidade de ser

<sup>2</sup> Adam (2011). Lembremos da condição de verdade: um enunciado pode apresentar-se verdadeiro ou falso em função da intenção do locutor, sendo a ironia um exemplo representativo de falsidade.

conservado, amor em constante ameaça, amor como cuidado dos dois. Assim, o amor vem junto a atitudes e valores ideais, delimitando algo digno de estima a ponto de justificar relações hierárquicas de sexo e raça.

Quanto à imputação e aos parâmetros de RE, no que se refere à compreensão de aspectos relativos à interação, nas cartas ficaram marcados principalmente os casos de imputação em relação ao dizer assumido (*prise en charge* - PEC). Essa característica, no que se refere ao gênero, mostra maior presença do outro nesses textos, no mesmo sentido que apresenta Adam (2019) para as correspondências amorosas. A comparação entre as missivas fez transparecer maior emergência de um I2/e2, mesmo que não explícita, em todos os documentos analisados, além de dêiticos se relacionando com o aqui-ágora da enunciação e o lá-adiante-mais tarde da leitura. Em todas as cartas analisadas, a fala do outro aparece pelo discurso indireto, destacando-se ainda casos mais específicos, como em C1 em que a declaração de amor seria o mais próximo da tomada de responsabilidade explícita, pragmaticamente apresentada nesse gênero.

De uma forma geral, os resultados permitem assegurar a confirmação das hipóteses no que tange às estratégias argumentativas de gerar acordo com o preferível utilizadas pelos locutores/enunciadores acerca do gênero 'carta de amor'. A seleção de conceitos teóricos em atenção aos objetivos permitiu observar uso frequente de valores com o intuito de marcar os PdVs dos enunciadores e seus possíveis marcadores sociais.

## Referências

- Adam, J.-M. (2011). *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo, SP: Cortez.
- Adam, J. M. (2020). *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours* (4e éd.). Paris: Armand Colin.
- Adam, J.-M. (2019). *Textos, tipos e protótipos*. São Paulo, SP: Contexto.
- Amossy, R. (2018). *A argumentação no discurso*. São Paulo, SP: Contexto.
- Catelão, E. M. (2019). Quando se perde o sentido da vida: valores em textos de suicidas. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 1(19), 47-67. <https://doi.org/10.17648/eidea-19-2328>
- Catelão, E. M. (2013). *Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica* (Tese de Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Cortez, S. (2013). A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina. In W. Emediato (Org.), *A construção da opinião na mídia* (p. 293-316). Belo Horizonte, MG: Fale/UFMG.
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (1996). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Rabatel, A. (2009). *Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée...* *Langue Française*, 2(162), 71-87. DOI: <https://doi.org/10.3917/lf.162.0071>
- Rabatel, A. (2012). Les relations Locuteur/Énonciateur au prisme de la notion de voix. *Arts et Savoirs*, 2, 1-19. DOI: <https://doi.org/10.4000/aes.510>
- Reboul, O. (1998). *Introdução à retórica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.